



## **A EDUCAÇÃO COMO PRÁXIS TRANSFORMADORA: aprendizados construídos e a contribuição de Frigotto para a minha formação pedagógica**

Gardênia de Almeida Bezerra - Universidade Federal do Maranhão

### **RESUMO**

Este trabalho reflete sobre os aprendizados construídos na trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, destacando a contribuição das obras de Gaudêncio Frigotto (1989; 2015) para a formação pedagógica. Foi construído no âmbito da disciplina Estudo Diversificado II – Educação e Trabalho, com o objetivo de analisar o papel social da educação e a docência como práxis transformadora, e como suas nuances vêm contribuindo para minha formação como pedagoga. A partir de uma análise reflexiva das leituras realizadas (Frigotto, 1989; 2015; Marx, 2013), neste ensaio aborda a educação como prática social contraditória, a superação da lógica tecnicista e a defesa de uma pedagogia contra-hegemônica. Conclui-se que os conceitos de Frigotto, especialmente a relação entre educação e trabalho como princípio educativo, são vivenciais e fortalecem a convicção da educação como ferramenta de transformação social e práxis libertadora, trazendo relevantes contribuições para as minhas experiências profissionais e acadêmicas.

**Palavras-chave:** Educação; Práxis transformadora; Formação pedagógica; Educação e Trabalho.

### **Introdução**

Ao longo da minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, venho construindo reflexões cada vez mais profundas acerca do papel social da educação, impulsionada por autores que desafiam os discursos naturalizados sobre a escola e o ato de ensinar e com perspectivas que coadunam com as minhas vivências e experiências,

Nesse percurso, o estudo das obras “A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame da relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista” (1989) e

sua releitura no artigo “A produtividade da escola improdutivo 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas” (2015), de Gaudêncio Frigotto, aliados a conceitos presentes na obra “O Capital”, de Karl Marx (2013), marcaram significativamente minha forma de compreender o trabalho, a escola, a docência e os projetos de formação humana.

A base teórica que fundamenta este trabalho parte da compreensão do trabalho e da educação em uma perspectiva histórico-crítica. Sob essa ótica, o trabalho não pode ser reduzido a um ato de sobrevivência, assim como a educação não deve limitar-se a ser, meramente, preparação para o mercado. O trabalho é compreendido como categoria fundante da existência humana e deve ser visto como princípio educativo. Desse modo, os conceitos de educação e trabalho interligam-se profundamente à experiência pessoal e coletiva da formação humana.

### **Referencial Teórico**

Considerando que o trabalho é o meio pelo qual o ser humano se humaniza, transforma a natureza e a si mesmo, a centralidade do trabalho, como princípio educativo, é que possibilita ao ser humano não apenas desenvolver suas potencialidades cognitivas e técnicas, mas também éticas, estéticas, afetivas e políticas.

Marx (2013, p. 326), afirma que “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza”, configurando-se como a atividade humana que produz cultura, saberes e vida material, mas que no capitalismo se converte em mercadoria.

Nessa perspectiva, Frigotto (1989, p. 196) apresenta o trabalho como princípio educativo, indicando “que é pelo trabalho que o homem [...] encontra sua forma própria de produzir-se em relação aos outros homens”, sendo visto não como atividade puramente produtiva, mas como ato formador da consciência, da cultura e da subjetividade humana.

O autor dialoga com o conceito de formação omnilateral difundido por Marx, especialmente na visão de escola politécnica apontada por ele e repreende a ideia de que a educação deve formar “capital humano” para o mercado. Frigotto defende a formação integral (politécnica), que pressupõe mais do que a união de instrução e trabalho, implica na educação enquanto elemento da crítica da forma histórica que o trabalho assume sob

o modo de produção capitalista, uma vez que “a noção de capital humano sedimenta um reducionismo da concepção de ser humano a uma mercadoria” (Frigotto, 2015, p. 217).

Na ideologia da improdutividade, a escola “improdutiva” propalada por Frigotto (1989) é aquela que não forma sujeitos críticos, mas apenas treinados para atender às exigências imediatas do mercado. Uma escola e uma educação que carecem da articulação entre teoria e prática na ação consciente, orientada por uma práxis transformadora.

No viés da pedagogia crítica, Frigotto dialoga com autores como Karl Marx, que critica a sociedade capitalista e a alienação, respaldando a noção de trabalho como categoria fundante do ser social. Cita Gramsci, intelectual marxista que analisou o papel da escola na disputa ideológica, formulando a ideia de que a escola é um campo de disputa entre projetos sociais antagônicos e que define o homem como “um ser histórico, concreto, ativo, que se transforma na medida em que transforma o conjunto destas relações sociais” (Frigotto, 1989, p. 64).

A principal referência da pedagogia histórico-crítica no Brasil, Demerval Saviani, também se faz presente, pois, ambos defendem o trabalho como princípio educativo e a escola como espaço de apropriação do conhecimento sistematizado para a emancipação. Conceitos como: consciência crítica, diálogo e educação libertadora, coadunam com a tônica do trabalho freiriano e demonstram que Frigotto compartilha com Freire a visão de educação como ato político e transformador.

## **Metodologia**

O presente trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico, de “natureza reflexiva e interpretativa” (Meneghetti, 2011, p. 322). Construído sob uma abordagem qualitativa, “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 1994, p. 21-22), que deriva da percepção baseada no referencial teórico apresentado, além das proposições provenientes de um conjunto de argumentações e problematizações das experiências e percepções da autora.

Segundo Meneghetti (2011, p.330), o ensaísta busca aproximar o leitor do universo reflexivo do ensaio, abrindo espaço para que a subjetividade de ambos dialogue. Nesse gênero, os ambientes não se estruturam como territórios de disputa racional sustentada por provas ou evidências, pois “permite que os sujeitos relacionados a ele desenvolvam sua autonomia intelectual e formem seu próprio conhecimento, sem cair na

racionalidade totalitária, que tende a enquadrar a compreensão da realidade a partir do estabelecimento de verdades aparentes”.

Sendo assim, o ensaio possibilita que aqueles que o produzem ou o leem exerçam sua autonomia intelectual, construindo saberes próprios e evitando uma racionalidade totalizante, que tende a limitar a interpretação da realidade por meio de verdades pré-estabelecidas.

Severino (2013, s/p) afirma que “no ensaio há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que tenha de se apoiar no rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica”. Diante disso, o trabalho apresentado, expõe as concepções elaboradas com base na análise das obras: "A produtividade da escola improdutiva" (1989) e "A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas" (2015), de Gaudêncio Frigotto, e algumas inferências de Karl Marx, em “O Capital” (2013).

As leituras, debates e reflexões realizadas no âmbito da disciplina Estudo Diversificado II – Educação e Trabalho, fomentaram a elaboração de um texto que, dentre outros, respondia alguns questionamentos: “Quais as reflexões sobre a experiência pessoal e coletiva de Trabalho e Educação foram proporcionadas na disciplina?”; “Quais autores/as e conceitos foram aprofundados?”; “Quais relações são possíveis com outras disciplinas?”.

Os procedimentos metodológicos utilizados, envolvem a articulação dos conceitos centrais de Frigotto (e Marx), como práxis, trabalho como princípio educativo e escola improdutiva, com a prática profissional e a trajetória acadêmica da autora, no curso de Pedagogia. A análise busca demonstrar a conexão entre os procedimentos e objetivos propostos.

## **Resultados e discussões**

Um dos aprendizados mais marcantes a partir dessas leituras é a compreensão da educação como uma prática social historicamente situada e contraditória. Frigotto (1989; 2015) nos convida a enxergar a escola não como um espaço neutro, mas como um campo em disputa. A escola é o espaço onde a experiência de vida dos sujeitos deveria ser acolhida e criticamente interpretada, no entanto, Frigotto (1989) a percebe como um

espaço contraditório, que pode tanto reproduzir desigualdades quanto ser espaço de transformação.

Transpondo esse conceito para o meu cotidiano, o trabalho realizado com rodas de conversa e oficinas pedagógicas abordando temas como bullying, prevenção de violências, dentre outros; os projetos de educação em saúde; as contações de histórias ou minha atuação como mestre de cerimônias, não são apenas formas de trabalho, mas também expressões pedagógicas que geram aprendizagens coletivas e criam espaços em que os sujeitos podem refletir sobre suas condições de vida.

Outro ponto de grande relevância é a crítica que Frigotto (1989) faz à lógica tecnicista. Essa visão empobrece o fazer pedagógico e desconsidera sua dimensão ética e política e, como acadêmica de Pedagogia, esse alerta me ajuda a pensar a formação docente de forma mais ampla. Dito isso, as críticas Frigotto ao tecnicismo pedagógico contribuem para que possamos compreender a Didática não como um conjunto de métodos prontos, mas como um instrumento de transformação político e ético, para que a prática pedagógica se torne de fato uma práxis.

Ao correlacionar os conceitos abordados com outras disciplinas, é possível perceber que, em se tratando de Políticas Educacionais, Frigotto analisa como o Estado neoliberal tem subordinado a educação às exigências do mercado, “afinal para a ideologia neoliberal, o sucesso depende do esforço e do investimento individual” (Frigotto, 2015, 221), o que coincide com a análise crítica de propostas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio. Na área da Gestão Escolar, o autor nos possibilita pensar a escola como um espaço de construção coletiva, impactando a compreensão da gestão democrática e a elaboração de documentos como os Projetos Político-Pedagógicos (PPPs), levando-a a assumir o compromisso com a formação humana integral, a participação efetiva da comunidade e a organização do trabalho pedagógico como prática social emancipadora.

Acerca do trabalho, Marx (2013, p. 786) afirma que o trabalhador, ao vender sua força de trabalho, “sai do processo sempre como nele entrou: como fonte pessoal de riqueza, porém despojado de todos os meios para tornar essa riqueza efetiva para si”. Essa leitura ilumina a reflexão sobre a docência, a escolarização e a precarização dos sujeitos que atuam no âmbito educacional, impulsionando o trabalho docente como força produtiva na escola.

Vale ressaltar que educação e trabalho se constituem mutuamente e são perpassadas por conflitos e possibilidades de emancipação. Minha própria trajetória, tanto profissional quanto acadêmica, expressa essa articulação viva entre trabalho e educação como prática social crítica que subsidia a autonomia do sujeito historicamente situado, no sentido de integrar vivência prática e reflexão teórica.

### **Considerações Finais**

Os aprendizados que extraio das obras de Frigotto não são apenas conceituais, mas vivenciais. Eles alimentam minha esperança, iluminam minhas ações e reforçam minha convicção de que a educação, quando comprometida com os sujeitos e com a vida, é uma potente ferramenta de transformação. O autor nos possibilita pensar o trabalho como categoria ontológica, superando a simples visão de emprego, e nos instiga a compreender a educação como prática social crítica, comprometida com a justiça e com a formação omnilateral do ser humano.

Essa reflexão dialoga diretamente com as categorias centrais da obra de Marx, ao compreender que o trabalho, embora seja atividade humana criadora de saberes e práticas sociais, torna-se, no capitalismo, uma mercadoria que separa o trabalhador de seu próprio produto. Minha experiência pessoal e coletiva de trabalho, marcada por cooperação, diálogo e construção de sentidos, contrasta com o movimento descrito pelo autor, no qual o produto do trabalhador transforma-se continuamente não só em mercadoria, mas em capital, em meios de produção que se utilizam dos produtores, revelando mecanismos que também atravessam a escola e suas práticas.

Ao defender uma educação crítica e emancipatória, evidencia-se a análise marxista da exploração, onde a taxa de mais-valor corresponde precisamente ao nível de exploração da força de trabalho, reforçando que compreender as condições materiais do trabalho, inclusive o docente, é fundamental para que a educação supere a reprodução das desigualdades e se constitua como uma prática que realmente promova transformação.

Por fim, os estudos realizados, os diálogos estabelecidos e as produções desenvolvidas, fomentaram o conhecimento adquirido ao longo da disciplina de Estudo Diversificado II – Educação e Trabalho, e me fizeram perceber que somos meramente mola propulsora de uma sociedade que alimenta o mercado capitalista, viciado numa lógica que aprisiona o trabalhador.



Como professora de carreira e futura pedagoga, compreender esses conceitos fortalece minhas decisões e me subsidia para escolhas pedagógicas mais conscientes, portanto, sigo com o firme propósito de (continuar a) exercer a docência como práxis transformadora, emancipatória, crítica, criativa e libertadora.

## Referências

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutivo**: um (re)exame da relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 3. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutivo 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho Necessário**, ano 13, n. 20, p. 29-53, 2015.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. E-book.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio teórico? **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 320-332, Mar/Abr, 2011.  
<https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, S. F.; CRUZNETO, O.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.